

ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS NAS MINAS DO CAMAQUÃ, EM CAÇAPAVA DO SUL- RIO GRANDE DO SUL

Rogério Marques Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. E-mail:
roggeo2004@yahoo.com.br

RESUMO: As atividades sociais implicam constantemente em uma série de transformações. E será o Espaço Geográfico o resultado de tal realidade. Após 130 anos de extração mineral, Minas do Camaquã, pequeno povoado formado a partir da exploração de cobre no município de Caçapava do Sul- RS guarda, em sua estrutura, diferentes momentos da lógica capitalista, onde o ritmo da produção determina o comportamento sócio-espacial. Em meio a ruínas de vilas e prédios da Companhia Brasileira do Cobre, 150 famílias residem remanescentes de épocas em que o cobre dinamizava toda a estrutura. Na época de plena atividade, chegou-se a ter 6000 habitantes nas Minas do Camaquã. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise das relações sócio-espaciais desenvolvidas durante o período de exploração cuprífera, observado na fase da Companhia Brasileira do Cobre-CBC, compreendido entre os anos 1950 e 1990. Como procedimento metodológico foram aplicados questionários e entrevistas qualitativas tanto aos ex-moradores como junto aos atuais residentes do local. Verificando-se os resultados, pode-se perceber uma relação social profundamente marcada pela organização do capital, um tecido social nitidamente estratificado, sob um permanente controle pelos donos dos meios de produção sob a classe operária. Tal controle acontecia somente na estrutura das vilas, mas principalmente no mundo das relações entre as pessoas. Esta segregação sócio-espacial, os traços identitários da população local que ainda existe após vinte anos de exploração de cobre são o principal enfoque deste artigo.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Produção; Mineração; Sociedade; Trabalho

ANALYSIS OF SOCIAL AND SPACIAL RELATIONS IN CAMAQUÃ MINE, IN CAÇAPAVA OF SUL- RIO GRANDE DO SUL

ABSTRACT: Social activities constantly imply a series of transformations. And will the Geographic Space the result of such a reality. After 130 years of mining, Camaquã Mines, in Caçapava municipality of South- RS, keep in structure, different times of capitalist logic, where the pace of production determines the socio-spatial behavior. Amid the ruins of villages and buildings of Companhia Brasileira do Cobre, 150 families reside remnants of times when copper

dinamizava entire structure, where it once had 6,000 inhabitants in the Camaquã Mines. The objective of this work, it is an analysis of the socio-spatial relationships observed during cupriferá exploration period observed at the stage of Companhia Brasileira do Cobre-CBC, between the years 1950 and 1990. As a methodological procedure questionnaires and interviews were applied qualitative both the former residents as the current s residents on site. Checking the results, one can perceive a social relationship deeply marked by capital organization, a distinctly stratified social fabric under a permanent control by the owners of the means of production under the working class. Such control, did not give up only in the structure of the villages, but especially in the world of relationships between people. This socio-spatial segregation, the identifying features of the local population that still exists after twenty years of copper mining these are the main focus of this work.

Keywords: Geographic Area; Production; Mining; Society; Job.

1 INTRODUÇÃO

Toda atividade humana relega ao espaço seus traços e registros ao longo do tempo. Minas do Camaquã em Caçapava do Sul,RS, é um conjunto de vilas operárias que foram sendo construídas aolongo de 130 anosde exploração de cobre. O estudo das relações sociais oriundas da atividade cuprífera traz importantes significados que demonstram os tipos de relações sociais estabelecidos em tais estruturas. Iniciada no fim do século XIX, a extração de cobre foi estruturando todo um assentamento humano de acordo com as frentes de trabalhos, estabelecidas na região, originando-se com os ingleses e, posteriormente, passado por alemães e belgas até a fundação da Companhia Brasileira do Cobre- CBC, nos anos 1950, durante o governo de Getúlio Vargas.

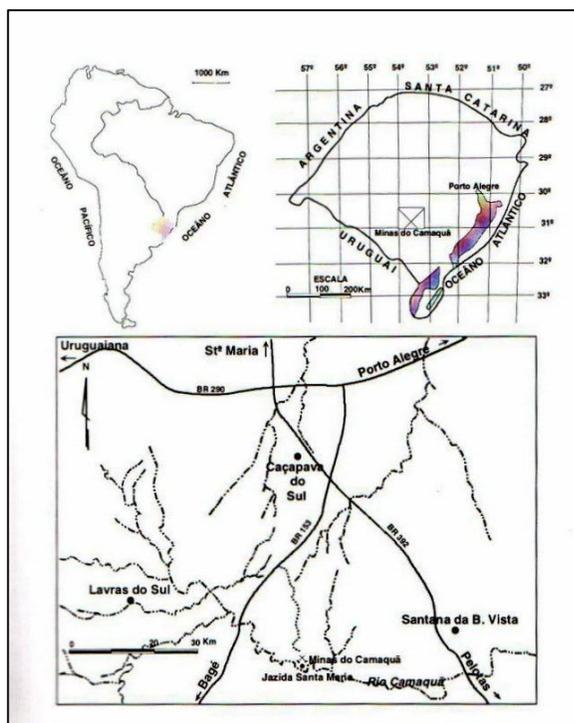
Através de entrevistas e trabalhos de campo, pode-se organizar um conjunto de relatos que demonstraram as relações sociais nesta área. As vilas foram construídas de acordo com o segmento social, onde as estruturas das residências foram edificadas de acordo com as funções de cada parte, partindo-se desde a presidência da empresa, diretores, engenheiros, professores e operários, sendo estas últimas geminadas, a fim de se manter maior controle sobre os operários. Desde a qualidade das residências até a localização destas,era demonstrado o grau de importância de cada um. Fazia parte ainda a presença de clubes sociais diferentes, segregando operários dos demaissegmentos formados pela diretoria, presidência e engenheiros.

Apesar desta dinâmica espacial nitidamente segregada, Minas do Camaquã manteve um bom aparato urbano, cumprindo com as exigências básicas de saúde e educação de qualidade, podendo ser enquadrada no modelo Company Town.

Passados 20 anos do término das atividades, neste espaço formado atualmente aproximadamente 150 famílias, residem ex-trabalhadores das minas e funcionários públicos aposentados, basicamente. No que se pode observar, apesar do término da extração de cobre, ainda permanece neste espaço considerável segregação, uma vez que as casas compradas dos escalões considerados superiores, foram adquiridas por indivíduos de melhor poder aquisitivo, dentre os quais, no geral, não se observa uma socialização com outros moradores de menor poder aquisitivo residentes na área. No que confere às novas procuras, atualmente este espaço tem sido explorado pela atividade turística e o retorno da atividade extrativista de cobre e chumbo, prevista para 2019, sendo esta última, promessa de geração de frentes de trabalho.

2 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO NAS MINAS DO CAMAQUÃ

O espaço das Minas do Camaquã, figura 1, representa parte de um processo evolutivo baseado na produção capitalista, onde o campo dos sentidos obedece a uma lógica voltada à reprodução do capital. Ao observar-se o campo dos relacionamentos, pode-se perceber que estes se baseiam sempre nas necessidades existenciais de um determinado grupo em um tempo qualquer. Ao analisar esta questão nas minas, pode-se chegar a alguns entendimentos.

Figura 1: Mapa de Localização.

Fonte: Ronchi, 1998.

Um fato importante neste artigo refere-se à diversidade encontrada nas atividades executadas por ex-funcionários entrevistados, onde se podem coletar informações de naturezas variadas, principalmente no que confere ao tipo de relacionamento social existente nesta área durante o período CBC, quando esta região teria chegado no auge do processo produtivo, tempo este compreendido desde os anos 1940, quando foi fundada esta empresa, até a década de 1990, quando terminariam as atividades de extração de cobre.

Analisando-se as fontes coletadas, pode-se observar que de uma maneira geral, as relações sociais eram boas, conforme comentou uma ex-funcionária da CBCA.M.S que trabalhou nas minas na década de 1970. “Todo mundo era amigo, não existia polícia nas minas.” As pessoas que moravam na vila São Luiz eram integradas.” Conforme, na vila São Luiz, moravam as Conforme as entrevistas de campo pessoas mais graduadas. Perguntado a respeito da interação destes moradores com as demais vilas, o entrevistado O.D.M apresentou a seguinte resposta: “Não tinha muito contato com o pessoal da vila Uruguai.” Nota-se que dentre todas as outras

vilas da mina, selecionou-se primeiramente a vila Uruguai para tecer algum comentário a respeito do que fora perguntado. Ao analisar-se o padrão social das vilas, observa-se que na vila Uruguai, moravam quase que exclusivamente operários.

Outro comentário importante, que teria partido desta fonte, seria a questão das reuniões sociais, os bailes que existiam na mina. “Houve um tempo em que os bailes eram para todos. Mas em certo momento, alguns funcionários começaram a demonstrar maus comportamentos nos bailes. Bebiam muito e dançavam de maneira “estranha”. Daí o pessoal começou a se retirar”. “Como que alguém de família, uma pessoa de bem, poderia, frequentar um ambiente destes”, completou o entrevistado. Questionando-se sobre as pessoas que possuíam os “maus comportamentos”, pode-se obter a seguinte resposta: “Eram operários, pessoal da Uruguai, quase sempre”.

Analisando estas últimas afirmações, nota-se uma nítida separação social dentre as pessoas que moravam nas minas, onde o espaço de convivência social era claramente distinto. Deve registrar que se observou certa semelhança de opinião, quando se questionou-se sobre os mesmos assuntos para diferentes fontes que pertenciam aos mesmos escalões sociais do qual foram extraídas estas últimas informações. O espaço relacional de um determinado grupo social guarda suas características existenciais, sendo, portanto, o reflexo do comportamento.

O capital, quando considerado, apresenta as suas próprias nuances, com diferentes espacialidades coexistindo em um mesmo tempo, uma vez que é exatamente na contradição social que este reúne subsídios para a sua reprodução.

E se pode dizer também, em nível de abstração e generalidade ainda mais alto, que é o próprio princípio básico de materialismo histórico o que afirma que em qualquer forma de sociedade, são as condições de produção que fundamentam o modo em que organiza o conjunto da vida social, que é derivado da análise do presente. (TORRES, 2004 p.193).

Seguindo-se esta linha de pensamento, a classe operária nas Minas do Camaquã, apresentava-se com características que substanciavam as suas diferenças para os demais grupos sociais deste espaço. Pode-se concluir, a partir dos relatos, que existiam fortes traços de união dentre esta classe, característica marcante destes grupos.

Na medida em que a grande indústria se desenvolve, a base mesma em que a burguesia assentou sua produção e apropriação foge sob seus pés. O que ela produziu, antes de tudo, foram seus coveiros [...], a burguesia não forjou somente as armas que a liquidarão, ela produziu além delas os homens que manejarão estas armas, os trabalhadores modernos, os proletários. (MARX apud TORRES, 2004 p.183)

E mais adiante Marx ajunta:

Logo, os operários se ensaiam em coalizões contra os burgueses: Agrupam-se para defender seu salário. Eles chegam até mesmo afundar associações duráveis para construir provisões em vistas de revoltas eventuais[...] De tempos em tempos, os trabalhadores saem vitoriosos, mas seu triunfo é efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o sucesso imediato, mas a união, cada vez maior, dos trabalhadores. Esta organização dos proletários numa classe e, depois num partido político é constantemente destruída pela concorrência dos operários entre eles. Mas ela renasce incessantemente, sempre mais forte, mais sólida, mais potente. (MARX apud TORRES, 2004 p. 185).

A partir das entrevistas qualificadas, constatou-se que existia muita união entre este grupo. De uma maneira geral, havia uma boa relação e uma forte tendência em preservar este grupo. “Se alguém errasse alguma coisa, ninguém entregava o companheiro.” Certa vez, um colega meu, deixou um explosivo detonar antes da hora, sem avisar os outros. Houve a explosão, mas ninguém ficou ferido” Quase houve morte, mas não se falou nada para os encarregados, porque poderia perder o emprego.” Conforme um ex-funcionário da CBC, havia uma união entre os operários. Toda esta cumplicidade existente entre a classe operária teria dado origem ao Sindicato dos Trabalhadores no início dos anos 1980.

Neste período, começa a notar-se uma maior mobilização da classe operária, incentivada pelo contexto político, marcado por grandes transformações em várias partes do Brasil. Paralelamente à fraqueza estrutural do regime ditatorial, que começava a finalmente chegar ao seu fim, tem-se um intenso movimento sindical, não somente no país, mas em toda a América Latina. De acordo com esta ideia, apresenta-se a seguinte contribuição:

A tomada de posição da classe trabalhadora no Brasil, ressurgindo o movimento sindical e grevista, se constitui num fator preponderante para imprimir nova direção nas organizações sindicais trabalhistas. Ao deflagrar as greves de 1978 e 1979, por melhores salários ou outras reivindicações, os operários ignoraram a

legislação sindical repressiva e abriram caminho para a luta pela conquista da liberdade sindical. (VOLPATO, 1983 p. 138).

O exemplo exposto, referente à organização do Sindicato Trabalhista de Criciúma em Santa Catarina, demonstra a luta por melhores condições na extração de carvão das ricas reservas carboníferas desta região. Trata-se de um caso que contribui para entender o contexto desta organização da classe trabalhadora no Brasil.

Partindo-se deste princípio, tem-se o caso das Minas do Camaquã, onde passaria a se verificar esta movimentação por motivos já relatados. Segundo o que se pode constatar, o sindicato trouxe significativas melhorias para os trabalhadores, como amparo às famílias, por exemplo. Analisando-se sob outro ponto de vista, pode-se dizer que o sindicato, retirou algumas obrigações da empresa CBC, no momento em que se empenhava em tomar a frente dos problemas a serem resolvidos. “Pode-se dizer que com o Sindicato, se perdeu e se ganhou ao mesmo tempo”, relatou uma das fontes entrevistadas. De acordo com as informações colhidas, de ex-funcionários se teve notícias de que na saúde observaram-se alguns prejuízos. “No tempo em que a CBC era responsável, tínhamos tudo”. “Quando tivesse algum caso de doença que não podia ser resolvido na mina, a empresa garantia todos os custos para os funcionários serem atendidos fora. Quando começou o sindicato a empresa transferiu as obrigações para este, deixando para ele a tomada de decisões. Acontecia que nem sempre o sindicato possuía verba para tratar dos doentes”, relatou-se durante as entrevistas.

Por outro lado, deve-se ao sindicato dos trabalhadores da mina, a conquista pela Comissão Interna de Prevenção contra Acidentes, a CIPA, onde se obtiveram significativas melhorias no setor de Segurança do Trabalho, conforme os relatos durante as entrevistas. Analisando-se os fatos registrados, pode-se obter alguma noção do cotidiano nas Minas do Camaquã, ao menos no período CBC.

Deve-se dizer que todos os entrevistados, ou ainda todos aqueles que se pode constatar, que tiveram algum vínculo com as minas, afirmaram que o tempo em que moravam nas minas, “eram tempos muito bons”, “tenho saudades dos tempos da mina”. Observa-se que este tipo de opinião pode ser registrado, tanto entre os operários como entre os graduados e funcionários administrativos da CBC. Pode-se perceber esta satisfação com a vida na mina a partir deste

relato: “Quando alguém queria ir para as minas para trabalhar, diziam que esse queria “arrumar” os dentes ou casar”.

Analisando-se os fatos, percebe-se que este sentimento estava diretamente relacionado ao vínculo profissional destes funcionários com a empresa. Ao longo deste artigo pode-se observar que os serviços básicos como saúde, educação, habitação, alimentação, eram garantidos pela CBC. Outra questão observada é que as Minas do Camaquã estavam dentre as estruturas que melhor qualidade de vida apresentava para seus funcionários, podendo-se analisar diversas variáveis, como acesso à educação de qualidade, boas condições de serviço para a saúde, transporte, dentre outros recursos oferecidos por esta empresa. Ao conversar sobre a remuneração dos funcionários, obtiveram-se várias informações dos mais variados setores funcionais, demonstrando sempre plena satisfação a esse respeito.

Muitos trabalhadores, quando terminaram as atividades de extração de cobre, poderiam construir suas casas com o dinheiro que tinham recebido e guardado durante o período em que trabalharam nas minas. Também se teve o relato de que muitos não conseguiram construir suas casas, mas este motivo se explica pelo fato de algumas pessoas, quando moravam nas minas, possuíam um padrão de vida muito consumista e, portanto, não teriam feito as suas reservas. Como se pode perceber, as pessoas no geral possuíam um bom padrão de vida explicado pelo fato da empresa garantir o acesso aos bens básicos e ao mesmo tempo uma boa remuneração aos seus funcionários.

Pode-se dizer que a nossa relação social, está diretamente relacionada como o suprimento de nossas necessidades existenciais. E quando analisamos os fatos a partir de uma óptica capitalista, uma boa casa, saúde dinheiro, entre outros, praticamente reúnem as condições para uma existência plena. A partir do momento, em que se conquista uma satisfação material, os relacionamentos sociais tendem a serem bons, princípios que regem a vida da maioria das pessoas. Sabendo-se desta realidade, todo e qualquer empreendimento que tem por objetivo o estabelecimento de uma estrutura mais sólida, deverá sanar as necessidades primárias de seus trabalhadores.

Partindo desta afirmativa, pode-se dizer que a CBC, fez uso deste princípio, uma vez que pode administrar as atividades extrativistas nas Minas do Camaquã, por aproximadamente 50 anos. A qualidade dos equipamentos comunitários, assim como sua gestão,

participou decisivamente na obtenção de um alto índice de fixação dos empregados à empresa, principalmente nos níveis operários e médio, o que tornou possível encontrar nas vilas até netos de alguns dos primeiros empregados.

Como se pode observar existe certo padrão nas vilas de mineração no Brasil. Quando levado em consideração a situação social brasileira carente de políticas que possam garantir as necessidades à população, acentua-se ainda mais esta tendência de tentar-se encontrar juntamente a estes empreendimentos, possibilidades de um padrão de vida melhor, uma vez que, conforme se trabalhou, existe uma certa garantia não somente de emprego, mas também de acesso a bens básicos sociais para a família dos trabalhadores.

2.1 A IDENTIDADE “MINEIRA”

É da natureza humana o apreço pelos locais de seu convívio. A personalidade possui em grande parte fortes traços do espaço cotidiano. Habitar, trabalhar, deslocar-se, divertir-se, trata-se de ações que, quando repetidas, tornam-se um hábito, caracterizando, portanto, o habitat. “Ocupar como moradia; residir; morar; viver; estar”, consiste na definição deste termo pelo Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa.

(CLAVAL2001 p. 123 a), apresenta a seguinte ideia:

Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhada.

Claval expõe de maneira clara esta propriedade humana em envolver-se com o meio. Além disso, por pertencer a uma sociedade, existe uma necessidade inata do ser humano em fazer parte de algum grupo, pertencer a alguma agremiação, possuir uma identidade. Pode-se dizer necessidade e consequência, ao mesmo tempo dada a universalidade do pensamento humano. Diante do exposto, entende-se que o espaço social nas Minas do Camaquã, possui suas

especificidades, que diferenciava do seu entorno regional. O fato de esta localidade apresentar-se isolada dos meios urbanos adjacentes e a natureza da atividade extrativista, garantiam um padrão social diferenciado dos demais. O ritmo de vida orientado pela empresa proporcionava a formação de um espaço relacional praticamente isolado, sob controle total da empresa.

Com as necessidades básicas garantidas e um bom retorno monetário pelos serviços prestados, o espaço relacional dentre as pessoas que moravam nas Minas do Camaquã era amistoso conforme se pode constatar nas entrevistas qualificadas. Praticamente todos foram unânimes em demonstrar saudades pelos tempos vividos nas minas. Justifica-se esta afirmativa pelos motivos já apontados, onde a garantia de um bom padrão de vida era sinônimo de tranquilidade. Percebe-se que a atmosfera satisfatória com o ritmo de vida nas minas representava um forte subsídio para que se formasse um sentimento de apego pelo lugar descrito, fato que provavelmente contribuiu para a formação de uma identidade local.

Segundo as entrevistas qualificadas, em quase todos os setores existiam trabalhadores de diversas regiões do Rio Grande do Sul, dopaís e outros países do mundo. “Moravam pessoas de vários lugares como Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Bahia [...] Existiam pessoas do Chile, da Bélgica”. Muitos que trabalhavam nas minas eram de outras cidades como Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Uruguaiana...” Nota-se que existiam pessoas das mais diferentes origens. Toda esta diversidade de culturas coexistindo em um mesmo espaço, por sua vez, formava um espaço social diferenciado da região.

Por estarem todos distantes de seus lugares de origem, provavelmente estes se apegavam a outros costumes, hábitos, criados a partir do convívio nesse espaço de trabalho. Deve-se apontar o fato da necessidade humana de pertencimento a alguma comunidade, grupo. Ao mesmo tempo em que se deixava um tipo de cultura, passava-se a praticar um novo tipo de convívio social, o que provavelmente contribuiu para a formação desta identidade que vem sendo descrita.

As culturas mostram-se frequentemente com um nível elevado de plasticidade: nada pode frear a incorporação de elementos novos quando são apresentados como substitutos ou complementares dos já existentes. O vocabulário enriquece-se e evolui. Os quadros classificatórios aplicados ao mundo transformam-se. Novas seqüências de causalidade são evidenciadas e permitem obter melhores resultados. (CLAVAL, 2001 p. 87).

Pode-se afirmar que, a identidade “mineira” deve-se basicamente a dois fatores. Primeiramente aponta-se como variável determinante, a questão do padrão de vida vivenciado por esta população e sua satisfação pessoal. Em segundo lugar, acredita-se que a diversidade cultural das pessoas que moravam nas minas tratava-se por si só de uma variável considerável para a formação de uma identidade. De acordo com as entrevistas qualificadas, podem-se apresentar as seguintes informações a este respeito: “Existiam muitos que se diziam mineiros. No início dos anos 1980, surgiu o desejo de emancipação da mina. Deve-se dizer que no presente período, residiam cerca de 5000 pessoas sendo 1200 funcionários, e o restante composto por familiares destes. A emancipação foi negada pelo município de Caçapava do Sul. Este episódio substancia o que vem sendo descrito a respeito da identidade local.

É realizado, anualmente, o Encontro dos Mineiros, espaço de grande confraternização dentre os ex-funcionários das minas. “É muito bom, muitos até se emocionam fortemente”, comentou uma das fontes, dirigindo-se a estes encontros. Criou-se uma página na internet para fins de se estabelecer uma rede de contatos de mineiros, onde existem fotos e relatos que remontam aos tempos vivenciados nas minas. Na estação rodoviária de Caçapava do Sul, os horários dos carros que se deslocam até as minas, são designados de “mineiros”. “Ainda hoje se pergunta que horas chega o mineiro”, comentou uma das fontes, fazendo menção à chegada de ônibus que vem das Minas do Camaquã. Esta relação de identidade ainda persiste em meio a comunidade, mesmo que existam outros tipos de procuras e conseqüentemente uma nova formação de valores.

2.2 AS RELAÇÕES DE PODER

A natureza humana tem como necessidade a criação de valores e sentidos ao meio externo para bem de propagar sua existência enquanto sociedade. Ao escutarmos o som propagado pelo ponteiro que indica os segundos de um relógio, tem-se a noção do tempo. Quando se observa uma folha seca caída em uma calçada, este tempo adquire uma conotação espacial. Tratam-se

desta forma, o espaço e o tempo necessários para a apreensão do mundo, onde estes se apresentarão de acordo com as especificidades de uma determinada sociedade.

Os componentes do espaço são os mesmos em todo mundo e formam um continuum no tempo, mas variam quantitativamente e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão. (SANTOS, 2001 p. 35).

Nas Minas do Camaquã, teve-se uma conformação espacial de acordo com o ritmo da extração do cobre. Quando em 1942, é fundada a CBC, tem-se um aumento na produção, a qual teria como reflexo o estabelecimento de uma estrutura urbana, diferente de outros estágios de extração de cobre quando se pode verificar que existiam apenas assentamentos de caráter provisório. Esta variação espacial citada por Santos ganha impulso quando o ritmo da produção se manifesta. De acordo com (SCHIMIDIT 1971:116):

A tese de Marx segundo a qual a psicologia só poderia tornar-se uma ciência com um conteúdo real se ela não fosse separada da história da produção teria dependência entre relação às formas tomadas pelas atividades dos homens na transformação dos objetos materiais. Para este psicólogo, as formas especificamente humanas da percepção não são apenas a precondição de atividades humanas específicas, mas também seu produto. (SANTOS, 1996 p. 71).

Assim, verifica-se que no período CBC, o capital passa a atuar mais pronunciadamente neste espaço, influenciando o estabelecimento de uma sociedade inteiramente organizada de acordo com os interesses da empresa. Nos assentamentos do tipo Company Town, o domínio exercido pela empresa, sobre os moradores é total, subordinando-os integralmente, a sua influência e ao seu controle. Sendo não apenas a empregadora, mas, também a proprietária das moradias e dos equipamentos sociais, esta determina as regras a serem cumpridas tanto no trabalho como fora dele. De acordo com a contribuição das fontes entrevistadas, teve-se a confirmação desta presença da empresa nas Minas do Camaquã.

Alguns ex-funcionários da CBC, durante as entrevistas, citaram a questão das casas multifamiliares como métodos de controle social. “Existiam casas juntas para se evitar motins, onde as conversas podiam ser escutadas por entre as paredes que não possuíam isolamento algum para o som.” “As conversas podiam ser escutadas por várias pessoas e assim evitar qualquer tipo de levante”, completou um dos entrevistados. O controle da empresa podia ser verificado de diversas maneiras, mas isso ocorria entre uma minoria de pessoas que possuíam maior grau de instrução.

A empresa estava presente em todas as esferas sociais conforme se pode observar nesta explanação: “Quando os empregados tinham folga, frequentavam os bares da mina.” “Nestes lugares, todos os seus funcionários eram da CBC, onde estes exerciam o controle do pessoal que frequentavam os bares.” “Os bares podiam funcionar somente até as 21 horas, depois tinham que ser fechados por ordem do presidente.”

Conforme vem sendo defendido neste trabalho, o capital usa das mais diversas maneiras para a sua reprodução. Este tipo de controle, quando repetido constantemente, torna-se um hábito, uma regra permanente.

A partir do momento que um hábito se cristaliza em meio às relações sociais, passa a exercer grande influência sob a tomada de consciência dos atos de uma determinada sociedade. Está em concordância com esta ideia a seguinte contribuição:

O indivíduo que percebe uma associação de entidades atuais, é ele próprio um modo da criatividade última do universo. Ele é um reflexo do universo do qual como uma entidade, ele jamais pode ser independente. Ele é o universo nesta posição. (LESLIE apud SANTOS, 1996 p. 69).

Ainda nesta direção, tem-se que:

Jakubowsky, o diz de forma muito clara quando afirma que a relação de consciência ao Ser só pode ser compreendida corretamente quando o Ser é apreendido dinamicamente como processo. Ele adquire então sua forma rígida de objetividade. As coisas particulares na superfície do Ser social são tiradas de seu isolamento e concebidas como processo no quadro da totalidade social. (Santos, 1996 p.68).

Para que se possa colocar em prática determinado tipo de atitude, deve-se possuir uma base sólida que garanta a manutenção da “ordem” em todas as esferas.

Segundo as entrevistas, o presidente da CBC, Francisco Baby Pignatari, exercia grande controle nas relações sociais nas Minas do Camaquã. De acordo com algumas informações obtidas, as atitudes colocadas em prática para bem da manutenção da “ordem”, muitas vezes chegavam a extremos, conforme este relato: “Uma vez, próximo a pista de decolagem do avião do Pignatari, existiam algumas casas de barro, “ranchos,” que não faziam parte da área das minas. Pignatari tentou comprar estas moradias, porque prejudicavam a estética do local, uma vez que por aquela pista de voo, passavam pessoas muito importantes. Quando Pignatari soube que as pessoas serecusaram a vender suas casas, mandou um trator passar por cima destas, ameaçando os moradores”, fato que não se sucedeu.

Um dos segredos para a manutenção de qualquer tipo de empreendimento está na maneira que é exercida a relação de controle sobre os funcionários. Ao mesmo tempo em que existiam muitas restrições sobre a sociedade, a empresa, além de garantir o acesso aos bens primários sociais, possibilitava vários espaços de confraternização para os funcionários. Muito famosos tornaram-se os churrascos proporcionados pela empresa. “Quando chegava o avião de Pignatari, já se sabia que ia ter churrasco.” Segundo alguns relatos eram grandes eventos, onde toda a comunidade, além de pessoas de regiões adjacentes às minas, também participava. Quando este se fazia presente nas Minas do Camaquã, era visto com frequência em meio aos operários. E todos os Natais, as crianças, filhos de todos os funcionários, recebiam presentes da empresa. “Quando chegava o Natal, a gurizada já sabia que ia tomar refrigerante e comer sanduíche”, relatou-se durante as entrevistas.

Pode-se notar que a maioria das pessoas, não somente as entrevistadas, mas também outras fontes que contribuíram para esta pesquisa, concordaram no sentido de relacionarem-se ao presidente como sendo uma “pessoa muito boa.” Conclui-se desta forma que o controle social nas Minas do Camaquã fugia à percepção de parte considerável da população.

2.3 A SEGREGAÇÃO DO ESPAÇO NAS MINAS DO CAMAQUÃ

O capital possui várias estratégias para sua reprodução, dentre elas um grande controle social. Esta questão pode ser analisada no comportamento espacial dos centros urbanos. Tem-se o espaço urbano como resultado de uma dinâmica contraditória e combinada. Em uma mesma estrutura, pode-se observar a concentração de riqueza com bairros luxuosos e sua infraestrutura devidamente urbanizada, ao mesmo tempo em que se tem a formação de grandes bolsões de miséria formada pela classe trabalhadora excluída das necessidades básicas sociais com saneamento, pavimentação, iluminação pública, entre outros. Fazendo menção a este problema, pode-se retirar uma importante afirmação de (ANDRADE 1986 p.74 a):

A origem da segregação residencial remonta ao próprio aparecimento das classes sociais e da cidade, as quais se verificaram ao mesmo tempo, sendo anteriores à emergência do capitalismo. A cidade asteca de Tenochtitlán e a cidade Kmer de Angkor Thon, no atual território cambojano, apresentavam uma organização espacial caracterizada pela presença da elite junto ao centro cerimonial e da população pobre na periferia.

Mas o capital adapta-se e apresenta-se de acordo com as especificidades do espaço.

É no capitalismo, contudo, que a segregação residencial torna-se mais complexa, á medida que se amplia com processo de estruturação das classes sociais, e seu fracionamento. Novos modelos espaciais de segregação aparecem impulsionados pelos diferentes agentes da organização espacial urbana: proprietários fundiários, incorporadores imobiliários, industriais, articulados em maior ou menor grau aos bancos, e o Estado. (ANDRADE, 1986 p.121).

Nas Minas do Camaquã, o acesso aos bens sociais de primeira necessidade era garantido a todas as esferas. Entretanto, podia-se observar uma nítida segregação sócio-espacial no que diz respeito à localização das residências e as pessoas residentes nestas. Conforme se apontou em páginas anteriores, a vila São Luiz concentrava quase que a totalidade das casas unifamiliares existentes nas Minas do Camaquã.

Ao verificar-se o perfil social dos moradores desta vila, percebe-se que a maioria eram pessoas de maior grau instrução. Pode-se perceber que a separação social entre as pessoas não se

restringia somente na diferenciação entre as vilas, mas também no interior das próprias localidades. A vila São Luiz, local onde residiam os escalões administrativos, engenheiros, geólogos, professores, dentre outros, foi construída em uma área de topografia acidentada, no caso o Cerro João Dias, onde teria se iniciado a extração de cobre e conseqüentemente os assentamentos, conforme se tem trabalhado.

Segundo algumas entrevistas qualificadas, o que se pode analisar é que algumas residências estariam localizadas de acordo com a posição social de cada proprietário. No flanco inferior do morro, ficavam as casas dos operários, entre os poucos que residiam nesta vila. Seguindo-se a escala social vinham os “encarregados”, responsáveis pelos setores que possuíam cargos importantes. Seguidamente na parte superior a estes últimos, localizavam-se a dos engenheiros e geólogos e mais acima a casa da presidência, diretores e superintendentes das minas. Complementando esta questão da segregação residencial, acrescenta-se ainda a seguinte questão. Quando se perguntou a respeito do convívio social dentre os moradores das vilas, pode-se perceber que existia uma nítida distância entre estes. “Não se tinha muito contato com o pessoal da vila Uruguai”. “Mas o pessoal da São Luiz, todo mundo tinha um bom relacionamento”. “O pessoal do escritório, da contabilidade do almoxarifado eram todos integrados”, completou a fonte entrevistada.

Analisando-se este último relato, pode-se chegar a alguns entendimentos. Quando se tratou do “pessoal da Uruguai”, observa-se uma clara separação dentre as vilas. Deve-se considerar que na vila Uruguai, a maioria, senão a totalidade de seus habitantes eram operários, fato que justificava esta distância. A este respeito pode-se acrescentar a seguinte contribuição de (MOREIRA, 1985 p. 92a):

O espaço organiza-se segundo a estrutura de classes do lugar e a correlação de forças que entre elas se estabelece. Espaço da existência dos homens, o espaço geográfico traz estampado nas suas frações seu vincado caráter de classe. A própria paisagem encarrega-se de revelar o caráter de classe de uma favela, de um bairro operário ou de um bairro de classe média. Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência.

Dentro desta perspectiva apontada por Moreira, defende-se a opinião de que claramente, o capital impõe suas regras e usa das mais diversas maneiras para a sua reprodução.

Existem práxis individuais e existem práxis sociais. Mas, o próprio nome de “sociedade organizada” supõe a precedência das práxis coletivas, impostas pela estrutura da sociedade, e às quais se subordinam as práxis individuais. Ora, o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que quase oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção e localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (SANTOS, 1996 p. 71).

Entende-se a segregação residencial como manifestação desta propriedade do capital em reproduzir-se. De fundamental importância para esta questão, tem-se a citação de (ANDRADE, 1986 p.74):

Como a segregação residencial viabiliza a reprodução das classes sociais e suas frações? Pelo fato de as áreas residenciais, diferenciadas entre si, mas razoavelmente homogêneas quando consideradas internamente, configuram meios distintos para a interação social da qual os indivíduos derivam seus valores, expectativas, hábitos de consumo e estado de consciência. A partir do bairro, enxerga-se a cidade e o mundo. Um bairro e seu sistema de valores possibilitam maior reprodução do grupo social que ali vive. A final de contas espera-se que nas localidades, onde residem os capitalistas, esteja sendo forjada a próxima geração dos mesmos. Do mesmo modo, de um bairro de empregados, do comércio, de bancos e escritórios, espera-se que saiam os futuros empregados destes setores.

Corrêa poderia ter completado ainda esta questão dizendo que do bairro operário provavelmente saíram futuros operários. Fato que reforça esta situação está na questão que fora apontada em páginas anteriores. Ao longo das entrevistas, pode-se perceber que houve a manutenção da condição social dos colaboradores deste trabalho. Pessoas de níveis superiores como geólogos e gerentes, por exemplo, ainda hoje continuam exercendo funções de acordo com sua condição social, como professores e profissionais liberais bem sucedidos. Dos operários entrevistados, pode-se verificar que estes também seguiram dentro do mesmo padrão social,

tendo como exemplo pessoas deste escalão que se ocupam como freteiros, porteiros, pedreiros, entre outros que se pode observar.

Justifica-se desta forma a ideia que vem sendo defendida ao longo deste trabalho onde o capital atua minuciosamente interferindo em distintas maneiras possíveis para a sua reprodução.

A estratificação funcional da sociedade trata-se de um princípio capitalista no qual reside uma de suas mais importantes variáveis no sentido de assegurar a sua reprodução. Na prática do dia-a-dia ocupam-se diversos espaços que por motivos diversos possuem familiaridade ou estranheza, dependendo da concepção filosófica do indivíduo. Ao longo da vida aprende-se o mundo segundo as experiências herdadas e adquiridas em um determinado contexto social.

Partindo-se da ideia de que o nexu do sistema capitalista trata da reprodução/acumulação do capital, este necessita de ambientes que favoreçam subsídios a sua existência. Para isso, passa-se a conceber o mundo a partir da condição social de cada indivíduo dentro da cadeia produtiva. Quando este pensar se torna uma prática, inúmeras barreiras psicológicas passam a existir em meio ao espaço das relações.

Nas Minas do Camaquã, como em qualquer outro espaço cujo pensamento capitalista predomina, constatou-se que existia uma acentuada segregação social. Conforme fora comentado em períodos anteriores, esta questão não era percebida pela grande maioria por motivos já explanados. Esta relação era observada nas diversas situações, conforme se pode constatar a partir dos relatos dos ex-moradores. Existiam também os já comentados alojamentos para solteiros. Segundo o que se pode constatar nas entrevistas qualificadas, o tratamento para o público solteiro de maior grau de instrução era diferenciado. “Existia até uma camareira para arrumar as casas dos solteiros mais graduados”, segundo alguns relatos. Mas o principal tipo de divisão entre as classes nas Minas do Camaquã dava-se no espaço do convívio social. Existia a “orientação de se estabelecer um relacionamento que enfatizasse a posição social de cada um. Para isso, cada pessoa quando mencionada, deveria primeiramente aparecer o cargo que desenvolvia antes do nome, por exemplo: O engenheiro Paulo, o gerente João, entre outros. A este respeito, pode-se acrescentar a seguinte contribuição:

Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de

existência. Mesmo onde os estratos entrecruzam, as classes são espacialmente visíveis. A corriqueira expressão “ponha-se no seu lugar” com que o dominante refere-se ao dominado numa sociedade de classes (só numa sociedade de classes há dominantes-dominados, isso é evidente) tem clara significação espacial. (MOREIRA, 1985 p. 93).

Desta significação espacial citada por Moreira, pode-se perceber que praticamente todos os entrevistados seguiram na mesma condição social em que se encontravam há 15 ou 20 anos nas Minas do Camaquã. Feita esta ressalva, conclui-se a ideia de (MOREIRA, 1985 p. 93c), onde:

Mas o próprio caráter de dominante dominado contido na metáfora espacial “ponha-se no seu lugar” revela que antes de uma diferenciação, a estrutura de classes tem uma base na exploração do homem pelo homem. A condição de dominante dominado de uma estrutura de classes, explica por que as lutas são agudas entre elas.

Diante desta nítida segregação espacial algumas ações passaram a ser tomadas. Em 1978, seria fundado o Clube dos Funcionários que trabalhavam nas minas, desvinculado da CBC. Até o período observado, existia o clube dos Engenheiros, onde era negada a entrada de pessoas do baixo escalão, somente geólogos, engenheiros e equipe diretiva. A este respeito, podem-se obter algumas informações interessantes. Perguntado a um ex-trabalhador das minas, que ocupava o setor operário, a respeito desta questão do clube dos Engenheiros, obteve-se a seguinte informação: “Não podíamos entrar lá”. “O clube funcionava somente para “reuniões” do pessoal da CBC”, completou este. Nota-se que existia uma tentativa de disfarçar os reais motivos que impediam a entrada destas pessoas, por parte da classe que frequentava este espaço.

Devido ao distanciamento entre as pessoas nas Minas do Camaquã se observou de onde se originaram algumas opiniões alusivas a este tipo de comportamento. “O povo quando ia chegar perto dos engenheiros, achava muito difícil, comentou um dos entrevistados. Nesta atmosfera marcada pela opressão do capital, pode-se incluir a seguinte contribuição:

É sempre nas relações imediatas entre os donos das condições de produção e os produtores diretos onde se deve buscar o segredo íntimo, o fundamento escondido de toda estrutura social, assim como forma política das relações de soberania e dependência, em resumo da forma de estado numa época histórica dada.” (MARX apud TORRES, 2004 p.193).

Deve-se deixar claro que esta relação não trata-se de exclusividade deste tipo de empreendimento, mas sim de um sistema de relações sociais vivenciado no Brasil, desde seus primórdios.

3 CONCLUSÃO

Passados vinte anos do término da extração de cobre nas Minas do Camaquã, o espaço atual, possui uma nova funcionalidade, voltada basicamente aos atributos turísticos da área, onde se explora o turismo aventura e ecoturismo, basicamente. Encontram-se ainda em torno de 100 famílias residentes na área, em sua maioria ex-trabalhadores das minas e funcionários públicos aposentados. Deve-se apontar ainda a respeito da atualidade, um possível retorno da mineração de cobre e chumbo pelo grupo Votorantim. No entanto, a paisagem, ainda guarda registros espaciais os quais ainda mantêm a estratificação social marcada pela existência das mesmas residências, que outrora eram de posse de trabalhadores com maiores graus de qualificação, atualmente sobre propriedade de indivíduos cujas condições socioeconômicas são superiores aos demais moradores atuais da área.

No que diz respeito ao sentimento de pertencimento ao lugar, por parte dos moradores, percebe-se que este ainda é existente, fato que atualmente se renova diante das atuais procuras. Diante desta realidade, pode-se concluir que Minas do Camaquã, mantém sua especificidade espacial, no que confere a identidade e o tipo de relações sociais que ainda são marcadas pela estratificação social, embora hoje esta esteja menos acentuada e nítida do que em tempos anteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manoel Corrêa. **Imperialismo e Fragmentação do Espaço**. São Paulo: Contexto, 2002.

CIAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Santa Catarina: UFSC, 2001.

MOREIRA, Rui. **O Que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 10ª ed., 1985.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 4ª ed., 1996.

SANTOS, Milton. **O Brasil. Território e Sociedade no Início do Século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

TORRES, João Carlos Brum. **Transcendentalismo e Dialética: Ensaio Sobre Kant, Hegel, o Marxismo e Outros Estudos**. Porto Alegre: L& PM, 2004.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana. Os Mineiros de Criciúma**. Santa Catarina: UFSC, 1984.